

Agitprop: o uso estratégico da agitação e propaganda pelo Levante Popular da Juventude

RESUMO

Danilo Leati Nunes

danilo.leatinunes@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Ana Clara Faria Vattos

anavattos.c.sociais@uel.br

Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Patrícia Marcondes de Barros

patriciamarcondesdebarros@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

O artigo analisa a relevância da comunicação e da agitação e propaganda (agitprop) nos movimentos populares, com foco na juventude, destacando o Levante Popular da Juventude, articulado ao MST e à Via Campesina. A organização atua na disputa ideológica no Brasil por meio de práticas de comunicação popular, como batucadas, zines, panfletos e uso estratégico das redes sociais, inspiradas em processos revolucionários latino-americanos. A pesquisa busca responder qual é o grau de centralidade da agitprop na luta do Levante. Para isso, adota uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica e observação participante. O estudo pretende contribuir para a reflexão sobre métodos de comunicação popular e para o debate estratégico acerca do papel da agitprop nos movimentos populares brasileiros contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos populares. Movimento estudantil. Comunicação popular.

INTRODUÇÃO

A juventude ocupa um papel central na história política brasileira, protagonizando mobilizações que alteraram a correlação de forças no país em diferentes momentos. Desde a campanha “O Petróleo é nosso” (1948), que assegurou a soberania nacional sobre o petróleo, até o protagonismo da União Nacional dos Estudantes (UNE) nas décadas de 1960 e 1970 (período marcado por intensa efervescência cultural e política), a atuação juvenil tem sido decisiva em momentos cruciais para a consolidação e a defesa da democracia brasileira. Um exemplo emblemático foi a “Passeata dos cem mil” (1968), articulada em resposta à morte do estudante Edson Luís, assassinado pela repressão militar. A juventude, naquele contexto, uniu-se a artistas, intelectuais e diversos setores da sociedade civil para denunciar o autoritarismo e reivindicar liberdades democráticas. Esses eventos demonstram não apenas o potencial de mobilização dos jovens, mas também sua capacidade de influenciar os rumos do país.

Décadas depois, esse protagonismo se reafirma no movimento dos “Caras-pintadas” (1992), quando estudantes ocuparam as ruas exigindo o impeachment de Fernando Collor de Mello, envolvido em escândalos de corrupção. Mais recentemente, a juventude voltou a se destacar nas ocupações de escolas e universidades entre 2015-2016 e 2019, protestando contra as reformas educacionais precárias e cortes orçamentários.

Essas manifestações revelam uma característica fundamental da juventude brasileira: a radicalização consciente da resistência, marcada pela articulação coletiva, pela criatividade na ação política e pela defesa dos direitos sociais. Estudantes, artistas e intelectuais se aliaram em diversos momentos históricos para construir respostas públicas contra autoritarismos, retrocessos e políticas excludentes.

Dessa forma, torna-se fundamental sistematizar e analisar historicamente a contribuição da juventude nos contextos de crise e transformação do país, a fim de compreender melhor sua dinâmica e fortalecer sua atuação na luta por direitos, democracia e justiça social. No entanto, para compreender plenamente o papel da juventude na história e na atualidade brasileiras, é imprescindível adotar uma perspectiva que reconheça suas múltiplas formas de existência e organização. É necessário falar em juventudes, no plural, uma vez que a experiência juvenil é atravessada por marcadores sociais como classe, raça, gênero, território e pertencimento cultural. Juventudes periféricas, indígenas, negras, LGBTQIAPN+, quilombolas e camponesas constroem suas lutas a partir de realidades profundamente distintas, ainda que igualmente potentes e transformadoras.

Assim, o presente estudo resulta do envolvimento direto em movimentos populares, com ênfase no Levante Popular da Juventude, organização surgida a partir das articulações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Via Campesina, nacionalizada em 2012. A partir dessa vivência e da constatação tanto da relevância da juventude quanto de seu protagonismo enquanto sujeitos políticos, buscou-se então se aprofundar no papel que o movimento social em questão tem na disputa ideológica nacional, levando em consideração seus acúmulos e leito histórico.

Desde então, com o intuito de delimitar o tema da pesquisa, definiu-se a seguinte questão-problema: “qual é o grau de centralidade da agitação e

propaganda na disputa ideológica travada pelo Levante Popular da Juventude?”. A partir disso, estabeleceu-se como objetivo geral analisar o papel estratégico da agitprop – ou agitação e propaganda – na atuação do Levante, movimento que articula conceitos de comunicação popular e incorpora métodos oriundos de diversas experiências revolucionárias latino-americanas. A análise aqui proposta, contudo, por analisar um movimento popular, exige uma metodologia também específica, visando interpretações equivocadas e distanciadas da realidade, fruto de um pensamento unicamente academicista. Isto pode esvaziar o sentido político e social do objeto de estudo, transformando a análise em algo excessivamente abstrato sem escopo político e crítico.

Em um primeiro momento, será realizada uma revisão bibliográfica que contemplará a conceituação de juventude a partir da obra de Luís Antonio Groppo (2017), bem como a análise de fontes do Levante Popular da Juventude, sob uma perspectiva histórica que assinale suas principais diretrizes. Serão também mobilizadas as contribuições teóricas de Antonio Gramsci, com ênfase nos volumes dois e três de *Os cadernos do cárcere*. Além disso, serão consideradas produções acadêmicas que discutem as conquistas recentes do movimento estudantil e sua inserção nas disputas ideológicas contemporâneas.

Em um segundo momento, será aplicada uma observação participante, utilizando o envolvimento direto da equipe no movimento objeto desta pesquisa, para análises qualitativas de sua atuação, estratégias e táticas. A partir da junção desses elementos – de um lado, trazidos pela análise teórica, e de outro, empírica, da organização popular –, espera-se consolidar o presente estudo enquanto uma descrição verossímil da realidade de uso da agitprop que “se tratava-se de uma atividade determinada e patrocinada pelo Estado revolucionário tendo como finalidade a construção do poder soviético” (COSTA, 2012, p. 170).

Portanto, neste trabalho, analisaremos as táticas de agitação e propaganda empregadas pelo Levante Popular da Juventude, sistematizando suas contribuições no contexto político nacional, evidenciando o papel da comunicação popular na disputa de ideias e no enfrentamento à extrema-direita e ao neoliberalismo; passando por, entre outros temas, o uso da batucada popular, criação de fanzines, estandartes, tecido chita e muralismo: elementos que transformam a luta política em vívida comunicação criativa e acessível. Estes, têm expressão direta com o povo, ocupando ruas, muros e imaginários. Espera-se, assim, contribuir para a compreensão do papel histórico das juventudes, do movimento estudantil e do Campo Popular para a luta de classes brasileira.

JUVENTUDES: CATEGORIA HISTÓRICA E SOCIAL

Para que se possa fazer uma análise qualificada de um movimento social de juventude, é primordial que seja compreendida qual a concepção de “juventude” aqui empregada. Cabe destacar o processo de diferenciação das análises do Campo Popular, formado pelo MST, Levante Popular da Juventude, Movimento Brasil Popular (MBP), Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), entre outros, e de organismos governamentais/internacionais: enquanto estes consideram a faixa etária o elemento principal, os movimentos sociais têm uma leitura mais abrangente e crítica das juventudes.

Historicamente, houve três grandes correntes quanto ao conceito do que é considerado “juventude”: as teorias tradicionais, as teorias críticas e as teorias pós-críticas. Para melhor elucidar as nuances de cada vertente, resgata-se aqui a elaboração de Luís Antonio Groppo (2017, p. 25):

As teorias tradicionais são consideradas como discursos sociológicos que, na primeira metade do século XX, participaram da construção do conceito sociológico “clássico” de juventude, que se firmou em torno da proposta estrutural-funcionalista e sua noção de socialização que privilegiava o que Pais (1990) chama de “socialização contínua”, a saber, a socialização dos jovens segundo os valores da geração mais velha. Ou seja, uma proposta que privilegiava a continuidade e a integração social, tendendo a considerar os conflitos e descontinuidades entre gerações como disfunções no processo de socialização.

Fica evidente, assim, o caráter “engessado” das teorias tradicionais, as quais priorizavam a manutenção dos hábitos e crenças entre as gerações, continuidade mantida sob a perspectiva de que desvios não seriam esperados, mas reais anormalidades. Essa perspectiva contrasta com a das teorias críticas, conforme disposto abaixo:

As teorias críticas não contestam uma ideia básica da sociologia funcionalista: a juventude como socialização secundária. Mas contestam os sentidos tradicionais desta vinculação dos indivíduos à estrutura social. Primeiro, a tese da “moratória social” da juventude, que reconhece ser o tempo e espaço da juventude não apenas como os de privação de direitos plenos, mas, também, os de certa condescendência dos adultos e possibilidade de experimentação. (Groppo, 2017, p. 16-17)

Essa corrente, portanto, mesmo que longe de contestar tudo o que era proposto até então, se diferencia ao apresentar a juventude como período de experimentação, o que até hoje é compreendido como um dos elementos centrais do “ser jovem”. É nítido, dessa forma, como a ruptura em questão altera qualitativamente o que se espera dessa fase da vida; o que entra ainda mais em destaque ao se considerar dois subgrupos: a corrente geracional e a corrente classista.

A corrente geracional das teorias clássicas entende a juventude como um período com potencial transformador, reconhecendo os e as jovens não como indivíduos passivos nos processos históricos, mas como sujeitos capazes de incidir na realidade material. Por outro lado, a corrente classista defende a existência de uma multiplicidade de “juventudes”, de modo que as várias interseções entre as relações de gênero, étnico-raciais, classes sociais, campo e cidade, entre outras. Essas duas correntes, predominantes no contexto das teorias clássicas, se diferenciam do que surge em seguida, elaborações que se aproximam de uma posição pós-moderna:

As teorias pós-críticas, primeiro, reconhecem o papel mais ativo dos sujeitos e grupos na constituição das juventudes. Pode-se defender isto em uma perspectiva ainda modernista, o que significa uma releitura das chamadas disfunções (delinquência, radicalismo e boêmia) como parte da dialética da condição juvenil [...]. Mas é mais

marcante uma leitura “pós-moderna”, como a dos “tribalismos” de Maffesolli [...]. Em segundo lugar, as teorias pós-críticas fazem a leitura dos processos de flexibilização e desinstitucionalização da vida social como a privatização e a descronologização do curso da vida, de modo que relativizam e até negam o caráter transitório da condição juvenil (Groppo, 2017, p. 17-18)

Como fica explicitado no trecho acima, as teorias pós-críticas têm como principais características a aproximação de noções pós-modernas, à medida que analisa criticamente a contemporaneidade da juventude, rompendo com a “radicalidade” que até então marcava a passagem do moderno para o contemporâneo. Assim sendo, trata-se de uma perspectiva que considera jovens como sujeitos capazes de incidir em sua realidade, à medida que estuda a precariedade das condições atuais de vida.

A compreensão desses três agrupamentos de teorias – tradicionais, críticas e pós-críticas –, por fim, constitui parte fundamental da análise de um movimento de juventude, conforme já exposto; visto que possibilita uma análise mais aprofundada dos sujeitos dos quais o presente artigo trata. Cabe destaque, nesse sentido, a perspectiva aqui adotada. Considerando o objeto desta pesquisa, o Levante Popular da Juventude e suas táticas de agitprop, usa-se a mesma compreensão que o movimento: a juventude enquanto categoria histórica e social, para muito além de uma faixa etária ensimesmada, e que é revolucionária, responsável por combater o sistema de opressões vigente.

Com seu leito teórico baseado em produções de: Marta Harnecker (“Vanguardia y crisis actual”, 1990), Nataly Santiago (“Cinco anos de junho de 2013”, 2018), Anderson Campos (“Juventude e Ação Sindical: crítica ao trabalho indecente”, 2010) e Carlos Henrique Menegozzo (“Juventude e Política”, 2017); o Levante tem um debate bem-consolidado de caracterização da juventude. Como síntese desse processo, tirou-se o que foi apresentado acima, reconhecendo a luta, rebeldia, resistência – e também a precarização, o adoecimento e a superexploração – da juventude.

A juventude é categoria histórica e social porque não existiu desde o início da humanidade, como algo “natural”, numa perspectiva biológica, mas foi construída ao longo do tempo, em contextos específicos, como o desenvolvimento do capitalismo moderno. Ao longo deste artigo, portanto, “juventude” será empregado com base na terminologia do Levante Popular da Juventude, visando alinhar as análises aqui trabalhadas ao recorte já traçado pelo movimento popular.

AGITAÇÃO E PROPAGANDA: DA RÚSSIA AO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Considerando o objetivo desta pesquisa, é fundamental retomar e aprofundar a compreensão sobre o papel da agitprop, isto é, da agitação e propaganda. Para isso, é necessário revisitar o contexto da Revolução Russa, berço do conceito, a partir do qual podemos tomar como referência a seguinte formulação:

Para evitar mal-entendidos, é bom avisar desde logo que a função geral do teatro de agitprop soviético era política em sentido próprio, isto é, tratava-se de uma atividade determinada e patrocinada pelo Estado revolucionário tendo como finalidade a construção do poder soviético. Especificando um pouco mais: os militantes do teatro de

agitprop estavam vinculados ao programa político da revolução e definiam suas prioridades a partir dele. (Costa, 2012, p. 1)

Já traçando um paralelo com a realidade brasileira, cabe destacar a similaridade com a agitprop russa, uma vez que ambas são pautadas pela política e pelo projeto da organização que a constrói. Sendo assim, a agitação e a propaganda não podem ser analisadas isoladamente, sem seu caráter estratégico e/ou tático, tendo em vista sua indissociabilidade do aspecto revolucionário. No caso russo, por exemplo, o teatro foi amplamente utilizado, tanto para convencer a população e aumentar a base de apoio como para educar e formar o povo – em um contexto de criação de uma democracia participativa ainda não vista, era imprescindível informar, visando até mesmo a combater ideologias inimigas.

Esses mesmos elementos aparecem na realidade brasileira, no caso do Campo Popular, por meio do uso do teatro e da intencionalidade por trás das várias linguagens artísticas utilizadas, as quais também contemplam o uso de “zines” (ou “fanzines”), “lambes”, batucadas populares – no caso do Levante Popular da Juventude, há a Batucada Popular Carlos Marighella – e poesia, com especial emprego do slam. Evidentemente associados ao território em que serão aplicados, tanto em relação ao público quanto à possibilidade de espaço, a agitprop faz parte não só da tática, mas da estratégia do Levante, de modo que tem um espaço privilegiado nas formações e debates internos do movimento.

Isso se dá, em grande parte, devido à compreensão do movimento quanto à importância da comunicação popular, entendendo que a mensagem deve ser acessível para a população, sem jargões da militância ou da ciência política, bem como em relação dialógica com sua cultura – daí surge o uso de diferentes gêneros musicais e linguagens artísticas. Frequentemente citado nos espaços do MST, do Levante e de todo o Campo Popular, cabe aqui com especial destaque a compreensão de Paulo Freire (1983, p. 15):

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Amparados na perspectiva de que se deve comunicar sem impor teorias ou academicismos, portanto, os movimentos populares utilizam as táticas supracitadas de modo a expor suas perspectivas, disputar o imaginário da população e se contrapor à hegemonia cultural e ideológica da classe dominante. Resta, porém, uma sistematização dos métodos utilizados pela organização que é objeto de estudo desta pesquisa, o Levante Popular da Juventude.

No contexto do Levante Popular da Juventude, a observação participante e os dados coletados por meio da atuação orgânica junto ao movimento permitiram a elaboração de sínteses referentes à concepção de agitprop e do papel que esta ocupa na organização. Inicialmente, cabe destacar o caráter estratégico – e não meramente tático – que a agitação e a propaganda têm.

Essa compreensão faz com que, ao invés de usar a agitprop a partir das demais deliberações, a agitação e a propaganda fazem parte do processo de planejamento e organização, constituindo elementos fundamentais das decisões coletivas. Isso

se materializa, por exemplo, ao utilizar lambes, zines e intervenções – leia-se ações diretas – no lançamento do Plebiscito Popular e nas mobilizações para eleições de entidades estudantis, por exemplo. Dessa forma, há uma centralidade dessas ferramentas ao longo da atuação do movimento.

Dentre os instrumentos e técnicas mais utilizadas pelo Levante Popular da Juventude, destaca-se inicialmente a Batucada Popular Carlos Marighella. Com paródias, samba, olodum e funk, a música faz parte inseparável da disputa ideológica do movimento, a qual se alinha à perspectiva gramsciana de "criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização moderna" (Gramsci, 2007, p. 18). Ainda no contexto da batucada, porém, cabe especial menção a murga, ritmo tocado como espécie de "grito de guerra" da organização, inspirado em torcidas argentinas, segundo dirigentes do Levante.

Cabe mencionar, ainda, o uso da batucada em contextos ligados à disciplina militante, como em momentos de alvorada – responsável por acordar a militância em seminários, congressos, acampamentos, cursos ou demais espaços coletivos. Sendo assim, a batucada não é utilizada, por sua vez, "meramente" em momentos de embate, mas também para garantir o cumprimento dos acordos firmados entre os integrantes (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2025). Outros métodos utilizados na agitação e propaganda incluem ateliê, com confecção de faixas e estandartes, muitas vezes com tecido chita; poesia, incluindo slam; intervenções teatrais; e muralismo. Fica ainda em aberto, contudo, compreender o papel dessas expressões no contexto da luta de classes brasileiras, o que será abordado em seguida.

O PAPEL DA AGITPROP DO LEVANTE NA LUTA DE CLASSES

Para uma análise do papel desempenhado pela agitação e propaganda (agitprop) do Levante Popular da Juventude, a obra de Antonio Gramsci oferece um arcabouço teórico indispensável. Longe de ser um mero conjunto de técnicas de comunicação, a agitprop, se olharmos pela perspectiva gramsciana, revela-se como o terreno fundamental onde se trava a luta pela hegemonia, o elemento central que permite a uma classe subalterna deixar de ser apenas "dirigida" para se tornar "dirigente". A atuação do Levante, com suas batucadas, estandartes e intervenções, não pode ser compreendida em sua totalidade se não for situada no interior desta complexa batalha pelos "corações e mentes" da sociedade, uma disputa que se dá no campo da cultura, da moral e do senso comum.

Gramsci opera uma distinção crucial entre os dois momentos ou níveis da superestrutura: a "sociedade civil" e a "sociedade política ou Estado". A sociedade política é a esfera do "domínio direto", do comando que se expressa "no Estado e no governo "jurídico", exercendo a coerção sobre aqueles grupos que não consentem. A sociedade civil, por sua vez, é o conjunto de organismos vulgarmente chamados de "privados" – escolas, igrejas, sindicatos, mídia, etc. – onde se exerce a função de "hegemonia". É neste campo que um grupo social fundamental constrói o "consenso 'espontâneo' dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante" (GRAMSCI, 2001, p. 21). A estabilidade do poder da classe dominante, portanto, não repousa primariamente sobre a força, mas sobre sua capacidade de apresentar sua visão

de mundo e seus interesses particulares como universais, como o único "senso comum" possível.

Dessa maneira, a agitprop do Levante emerge como uma intervenção estratégica naquilo que Gramsci, em analogia com a arte militar, denominou de "guerra de posição". Diferentemente da "guerra de movimento" – o ataque frontal e rápido ao poder estatal, viável em sociedades onde a sociedade civil é "primitiva e gelatinosa" –, a guerra de posição é a luta travada nas complexas e robustas "trincheiras" e "fortalezas" das sociedades ocidentais modernas. Cada ação de agitprop do Levante – um mural pintado num bairro operário, um zine distribuído numa universidade, uma batucada numa manifestação – representa um assalto a uma dessas trincheiras, um esforço para minar o consenso em torno da ideologia dominante e construir as bases de uma nova hegemonia. Trata-se de uma luta molecular, paciente e de longo prazo, cujo objetivo não é apenas a conquista do poder político, mas a construção de uma "vontade coletiva nacional-popular", a premissa para a "realização de uma forma superior e total de civilização moderna" (GRAMSCI, 2007, p. 18).

MILITANTE: INTELECTUAL ORGÂNICO E SUPERAÇÃO DO SENSO COMUM

A questão de quem realiza esta "guerra de posição" leva diretamente a um dos conceitos mais fecundos de Gramsci: a teoria dos intelectuais. O pensador italiano rompe radicalmente com a visão tradicional que restringe os intelectuais a uma casta de "literatos, filósofos e artistas". Para ele, "todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais" (GRAMSCI, 2001, p. 18). O critério definidor não é a atividade intrínseca, mas o conjunto de relações sociais em que essa atividade se insere. Mais importante, Gramsci distingue entre os "intelectuais tradicionais" e os "intelectuais orgânicos". Os primeiros são aqueles que, sentindo "com 'espírito de grupo' sua ininterrupta continuidade histórica", se percebem como autônomos e independentes dos grupos sociais fundamentais (GRAMSCI, 2001, p. 17). Os eclesiásticos, os juristas, os médicos, os professores, em grande medida, compõem esta categoria, que, ao se apresentar como acima das classes, acaba por legitimar a ordem existente. Por outro lado, cada grupo social fundamental, ao emergir na história, "cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função" (GRAMSCI, 2001, p. 15). Estes são os intelectuais orgânicos.

Os militantes do Levante, ao produzirem e difundirem sua agitprop, atuam precisamente como intelectuais orgânicos da juventude das classes subalternas. Eles não são uma elite externa que "leva" a cultura ao povo, numa relação de "extensão" criticada por Paulo Freire (1983), mas são parte desse povo, trabalhando para "elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento" (GRAMSCI, 2001, p. 53). A tarefa do intelectual orgânico não é meramente técnica, mas fundamentalmente educativa e política. Trata-se de intervir no "senso comum", que Gramsci define como a "concepção tradicional popular do mundo", uma visão de mundo desagregada, incoerente, fragmentária, na qual "se contêm elementos de bom senso" mas que é, em geral, um reflexo da subalternidade. O objetivo da práxis político-pedagógica é transformar este senso comum, através da crítica, em "bom

senso" e, finalmente, numa concepção de mundo "superior", coerente e unitária – uma nova filosofia.

A agitprop do Levante é a materialização deste processo. A linguagem direta da batucada, com seus ritmos inspirados no samba e no olodum; a estética acessível e artesanal dos zines e dos estandartes; o uso de símbolos como o tecido chita, que remete à cultura popular e se contrapõe à estética da classe dominante – tudo isso representa um esforço consciente para dialogar com o universo simbólico e o senso comum das classes populares, para valorizá-lo e, ao mesmo tempo, superá-lo criticamente. O modo de ser do novo intelectual, como afirma Gramsci, "não pode mais consistir na eloquência [...], mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, 'persuasor permanentemente'" (GRAMSCI, 2001, p. 53).

O PARTIDO-MOVIMENTO COMO "MODERNO PRÍNCIPE" E A FUNÇÃO DO MITO

Se a construção de uma nova hegemonia é a tarefa estratégica e os intelectuais orgânicos são seus artífices, quem é o sujeito coletivo capaz de realizar tal empreendimento? Para Gramsci, esse sujeito não é um indivíduo, um "herói pessoal", mas um organismo complexo: o "moderno Príncipe". Esse Príncipe, na época contemporânea, "só pode ser o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais" (GRAMSCI, 2007, p. 16).

O Levante Popular da Juventude, enquanto movimento organizado que "pretende fundar um novo tipo de Estado" e que atua para "elaborar os próprios componentes [...] até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores" (GRAMSCI, 2001, p. 24), pode ser compreendido como um elemento formativo deste Moderno Príncipe.

Sua tarefa central, nessa perspectiva, é a de ser um "anunciador e o organizador de uma reforma intelectual e moral". Esta reforma, indissociável de um programa de transformações econômicas, tem como ponto de partida a criação de uma "vontade coletiva nacional-popular".

É aqui que a agitprop revela seu papel mais profundo: ela não é apenas um veículo de ideias, mas a própria forma através da qual essa vontade se manifesta, se organiza e se inflama. Gramsci, ao analisar "O Príncipe", de Maquiavel, não o vê como um "tratado sistemático, mas um livro 'vivo', no qual a ideologia política e a ciência política fundem-se na forma dramática do 'mito'" (GRAMSCI, 2007, p. 13). O mito, para ele, não é uma "fria utopia", mas uma "criação da fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar sua vontade coletiva" (GRAMSCI, 2007, p. 14).

A agitação e propaganda do Levante opera de maneira análoga. A batucada, com seus ritmos contagiantes e seus "gritos de guerra" como a murga, não busca apenas comunicar uma mensagem, mas fundir "raciocínio" e "paixão", mobilizando afetos e transformando uma manifestação em uma experiência coletiva unificadora. A própria disciplina militante, ao ser ritmada pela batucada nas "alvoradas", converte-se em parte desse mito organizador. Da mesma forma, o uso de estandartes, do tecido chita e do muralismo cria uma identidade visual que opera simbolicamente. A chita, um tecido popular e acessível, é ressignificada como emblema de uma identidade política que valoriza a cultura do povo e a

contrapõe à estética da classe dominante. Esses símbolos, difundidos e repetidos, constituem o imaginário do movimento, dando concretude e força passional à luta por uma nova sociedade.

A LUTA PELA SOCIEDADE CIVIL E A CONSTRUÇÃO DA CONTRA-HEGEMONIA

A disputa pela hegemonia, portanto, é a luta para transformar a sociedade civil. As ações de agitprop do Levante são uma ocupação literal e simbólica dos espaços onde a vida cultural se manifesta. Ao pintar um mural, o movimento disputa a paisagem urbana; ao realizar uma intervenção teatral, incide no espaço público; ao usar as redes sociais, trava uma luta no novo terreno digital da formação da opinião. É um trabalho que exige, como notava Gramsci, um esforço paciente e sistemático para "fazer com que sejam 'compreendidas' as exigências da posição econômica de massa, que podem estar em contradição com as diretrizes dos líderes tradicionais" (GRAMSCI, 2007, p. 70).

Esta batalha cultural é, em essência, uma batalha pedagógica. Cada panfleto, cada oficina de estêncil – processo pelo qual o movimento confecciona suas camisetas –, cada debate promovido é uma instância de um processo educativo que visa a desarticular a visão de mundo imposta pela classe dominante e a articular uma nova, a partir dos interesses e da cultura das classes subalternas. É a construção da contra-hegemonia em ato. Conclui-se, portanto, que na luta de classes travada pelo Levante Popular da Juventude, a agitprop não é um acessório, mas o elemento central e indispensável. É através dela que o movimento educa, organiza, unifica e, em última análise, exerce sua função histórica de ser um fermento ativo na construção de uma nova vontade coletiva, de um novo senso comum e, em última instância, de uma forma superior de civilização. É a política em sua dimensão mais nobre e radical: a disputa pela alma de uma nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a centralidade da comunicação popular na atuação do movimento, destacando como suas táticas de agitação e propaganda (agitprop) são fundamentais para a disputa ideológica e a construção de um projeto político contra-hegemônico no Brasil. A pesquisa evidenciou que o Levante integra ferramentas criativas de comunicação a uma estratégia mais ampla de formação política, mobilização e organização da juventude das classes populares. Com base em Gramsci, Freire e autores do Campo Popular, a agitprop foi compreendida não como simples divulgação, mas como eixo estruturante da luta pela hegemonia.

A análise mostrou que o Levante atua em duas frentes complementares: a agitação, voltada ao despertar da consciência política por meio de ações diretas (batucadas, intervenções, lambe-lambes), e a propaganda, responsável por aprofundar a formação ideológica com zines, debates e símbolos culturais. Essas práticas respondem à necessidade de enfrentar a dominação cultural da elite e dialogam com a juventude de forma acessível, superando o academicismo e o discurso hermético.

Destacou-se ainda o papel da agitprop na construção de identidade coletiva. Experiências como a Batucada Popular Carlos Marighella e a produção de

estandartes e zines consolidam vínculos simbólicos, fortalecem valores como autonomia e solidariedade e alimentam um imaginário político alternativo.

Inserido na tradição gramsciana da guerra de posição, o movimento atua de forma contínua na sociedade civil, especialmente em um contexto de avanço da extrema direita e do neoliberalismo. Ao articular teoria e prática, a agitprop integra um projeto pedagógico de formação militante.

Em síntese, o estudo reafirma que a agitprop constitui o núcleo da luta política do Levante, sendo decisiva na mobilização, na formação e na construção de um projeto democrático e emancipatório.

Agitprop: The Strategic Use of Agitation and Propaganda by The Levante Popular da Juventude

ABSTRACT

The article analyzes the relevance of communication and agitation and propaganda (agitprop) within popular movements, focusing on youth, and highlights the Levante Popular da Juventude, linked to the MST and Via Campesina. The organization engages in ideological struggle in Brazil through practices of popular communication, such as percussion performances, zines, pamphlets, and the strategic use of social media, inspired by Latin American revolutionary processes. The research seeks to determine the degree of centrality of agitprop in the Levante's struggle. To this end, it adopts a qualitative approach, combining a literature review and participant observation. The study aims to contribute to reflections on methods of popular communication and to the strategic debate on the role of agitprop in contemporary Brazilian popular movements.

KEYWORDS: Popular movements. Student movements. Popular communication.

REFERÊNCIAS

COSTA, Iná Camargo. O repertório formal do agitprop. Rebento, n. 3, p. 170-175, 2012.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. v. 24. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

GROPPO, Luís Antonio. Introdução à Sociologia da Juventude. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. O som das batucadas populares. YouTube, 11 jun. 2025. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=nmxyDiUcNs&list=PLPVRJ997Y5Y7DJ_xjVnury0UzSDXBCuRS&index=15. Acesso em: 05 jul. 2025.

ROBICHEZ, Adele. Plebiscito Popular lança votação pela taxaço dos super-ricos e o fim da escala 6x1. Brasil de Fato, 01 jul. 2025. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2025/07/01/plebiscito-popular-lanca-votacao-pela-taxacao-dos-super-ricos-e-o-fim-da-escala-6x1/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

Recebido: 14 jul. 2025.

Aprovado: 1 fev. 2025.

DOI: 10.3895/rde.v17n28.20541

Como citar: NUNES, D.L.; VATTOS, A.C.F.; BARROS, P.M. Agitprop: o uso estratégico da agitação e propaganda pelo Levante Popular da Juventude. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 17, n. 28, p. 1-13, jan./jun. 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autor: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

